

José Manuel Pureza, Sílvia Roque e Katia Cardoso
(orgs.), *Jovens e trajetórias de violência. Os casos
de Bissau e da Praia*

Rita Santos



Electronic version

URL: <http://rccs.revues.org/4877>

ISSN: 2182-7435

Publisher

Centro de Estudos Sociais da Universidade
de Coimbra

Printed version

Date of publication: 1 mars 2012

Number of pages: 200-202

ISSN: 0254-1106

Electronic reference

Rita Santos, « José Manuel Pureza, Sílvia Roque e Katia Cardoso (orgs.), *Jovens e trajetórias de violência. Os casos de Bissau e da Praia* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 96 | 2012, colocado online no dia 15 Fevereiro 2013, criado a 02 Outubro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/4877>

The text is a facsimile of the print edition.



José Manuel Pureza; Sílvia Roque e Katia Cardoso (orgs.), *Jovens e trajetórias de violência. Os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: Coleção CES/Almedina, 304 pp.

Num momento em que acontecimentos recentes como a Primavera Árabe, as manifestações dos Indignados, e os movimentos “Occupy” puseram em destaque as juventudes e as tensões entre economia, direitos e segurança, este livro reveste-se de particular importância.

Em *Jovens e trajetórias de violência*, compêndio de textos organizados por José Manuel Pureza, Sílvia Roque e Katia Cardoso e resultante de um projeto de investigação apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, um conjunto diverso e multidisciplinar de autores das Ciências Sociais debruça-se sobre o “aparente paradoxo da distribuição e intensidade de manifestações de violência coletiva juvenil em dois contextos urbanos: Bissau e Praia” (p. 293). No primeiro caso, um contexto de pós-guerra e palco de tensões políticas frequentes, regista-se, contrariamente ao que seria de esperar, uma presença residual de grupos violentos juvenis, enquanto na Cidade da Praia, capital de um país tido como “modelo” no contexto africano, se assiste ao surgimento e mediatização deste tipo de associativismo.

À revelia da literatura tradicional sobre juventude, segurança e violência no campo das Relações Internacionais, mas também alguma no campo da Sociologia e da Antropologia, onde se tende a normalizar a violência juvenil e a “fixar” o retrato dos jovens enquanto problemáticos (Comaroff e Comaroff, 2000: 92), este livro procura complexificar a análise das relações entre jovens, violência e segurança, atribuindo particular importância à análise dos processos de contenção da violência juvenil. Tomando como ponto de partida as experiências e histórias de vida dos e das jovens de Bissau e da Praia – entre eles,

jovens detidos, consumidores de droga, jovens envolvidos em grupos de *thugs*, estudantes, jovens envolvidos em projetos culturais, associações de jovens, *bancadas*, jovens vítimas diretas de violência –, esta investigação procura traçar um retrato plural e fluído das juventudes nos dois contextos, dando-lhes voz e analisando as suas trajetórias na confluência de violências de ordem física e direta (por exemplo, violência familiar, violência juvenil organizada), mas também estrutural e institucional, nomeadamente desigualdades socioeconómicas, assimetrias de género, exclusão social, impunidade, corrupção e inserção em redes económicas ilícitas.

O livro, dividido em duas partes, uma dedicada à Cidade da Praia, Cabo Verde, e outra a Bissau, Guiné-Bissau, abre com o texto de Katia Cardoso “Thugs e violências: mitos, riscos e omissões”. Neste capítulo, a partir da análise das características dos *thugs* na Cidade da Praia, a autora desconstrói algumas das causas e representações veiculadas frequentemente pelos discursos políticos e populares (nomeadamente pelos média, como analisa Marta Peça) para justificar a violência coletiva juvenil, detendo-se, em especial, no papel dos deportados, um dos rostos mais visíveis do processo de securitização dos jovens em Cabo Verde. Na mesma linha, Redy Lima analisa a emergência e evolução de grupos de jovens associados a atos delinquentes, não necessariamente violentos, na Praia, desde os finais dos anos 80 do século XX. Ao explorar as suas influências exógenas, oriundas sobretudo dos EUA (patentes, de forma evidente, na nomenclatura *thug*), e o respetivo processo de apropriação e adaptação nacional, Lima enfatiza o papel dos *thugs*

na transformação da imagem social dos jovens cabo-verdianos. Lorenzo Bordonaro chama a atenção para as implicações sociais e políticas deste novo protagonismo problemático dos jovens, alertando para a criação de políticas de “Tolerância Zero Crioula”, como refere o autor, que são também elas “produto de um sistema transnacional de governação e de financiamento” (p. 104).

A segunda parte da obra, centrada no estudo de caso de Bissau, é inaugurada pelo capítulo “Por que razões não se ‘mobilizam’ os jovens? Gerindo possibilidades mínimas em Bissau”, de Sílvia Roque, onde se analisam as razões que levam a maioria dos jovens de Bissau a *não* se envolverem em fenómenos de violência coletiva, gangues ou grupos armados quando todas as condições parecem reunidas para tal (desemprego, pobreza, dificuldade de acesso a educação de qualidade, ausência de perspectivas de futuro). Segundo a autora, entre estas razões encontram-se o controlo social, exercido sobretudo de forma intergeracional, a presença de capacidades de resolução não violenta de conflitos e a desesperança em relação ao futuro, este último aspeto particularmente inovador neste tipo de análises.

Ulrich Schiefer, no capítulo que se segue, desenvolve algumas destas explicações, com especial referência aos mecanismos de contenção de violência existentes nas sociedades agrárias da África subsariana, e particularmente da Guiné-Bissau, centrando-se nas repercussões que mudanças sociais podem acarretar, como a desestruturação destas sociedades, nomeadamente em face dos fluxos migratórios para as cidades, para estes sistemas e respetivos potenciais de gestão de violência.

O livro termina com uma análise das várias violências que afetam as jovens guineenses, destacando-se o papel que os jovens do sexo masculino, a par de outros atores,

e em face da desvalorização que são alvo, podem desempenhar na perpetração de violência nas relações com o sexo oposto e com a família. Neste capítulo, Sílvia Roque e Joana Vasconcelos procuram colocar no centro da análise as formas como “os entendimentos da família, dos lugares e das funções de mulheres e jovens na sociedade e, ainda, como os ideais de masculinidade e feminilidade contribuem para formar entendimentos das relações de género e práticas violentas a fim de as justificar ou legitimar” (p. 246). Além de uma análise sobre casamento forçado e violência no namoro, discute-se ainda o papel e os efeitos que juízos sociais moralizantes como o expresso no título do capítulo – “Raparigas de agora é só provocação” – têm nas vidas das jovens, tornando-as alvo de crítica e de disciplina-ção por parte de familiares mais velhos e dos jovens.

Esta obra, pela tónica que coloca no estudo e contextualização de mecanismos mais amplos de produção e reprodução da violência e insegurança que afetam os e as jovens, vítimas e autores/as de violência – com destaque para os processos estruturais a nível global de criação e exacerbação de desigualdades – e dos mecanismos de contenção de violência juvenil, contestando a associação problemática entre jovem (geralmente do sexo masculino) e autor de violência e dando espaço para narrativas de jovens “normais”, constitui um contributo significativo para os Estudos para a Paz e para os Estudos Feministas da área das Relações Internacionais. Neste último ponto, cabe destacar o cuidado com que as identidades de género, com especial saliência no estudo de caso de Bissau, são analisadas, por um lado, enquanto produzidas e definidas pelas violências e, por outro lado, enquanto implicadas nas próprias expressões violentas (*i. e.* a violência coletiva juvenil assim como a violência familiar

e no namoro apoiam-se e estão envolvidas na construção de masculinidades e feminilidades hegemónicas e subalternas e vice-versa). Por fim, ao optar por debruçar-se sobre os processos de normalização das violências e não sobre os jovens violentos *per se*, esta obra contribui ainda para contestar a representação recorrente na literatura das Relações

Internacionais das margens do sistema internacional, nomeadamente o continente africano, como a origem de “problemas” globais, tais como o subdesenvolvimento, os conflitos armados ou ainda os chamados Estados “falhados” ou o terrorismo.

Rita Santos